



## AS SOCIEDADES

Antônio Sales, em seus setenta e dois anos de existência, fez parte de várias sociedades culturais e políticas.

Na mocidade, antes de sua primeira debandada rumo ao Rio de Janeiro, sua atuação junto a essas associações fizera-se marcante e animada, iniciando-se no Clube Literário, depois no Clube Educando Caixeiral, a seguir no Centro Republicano, com passagens meteóricas pelos Clube de Letras e Clube Americanista e com chegada final até à Padaria Espiritual. Por essa época ainda gostava de andar em grupos, em bandos alegres, e as gaiatices e diabruras que cometia e de que participava estão registradas em O Pão e em suas crônicas de reminiscências. Apreciava as festas momescas e dizia: *"Eu já adorei o Carnaval, mas essa paixão como as outras tem uma época própria"*. Gostava de participar de reuniões ao ar livre; não faltava aos "garden-parties" e sabe-se que à homenagem oferecida a Acióli pelos políticos locais na chácara do Dr. Torres Portugal, debaixo dos tamarindeiros, a ela compareceu todo frajola, muito na moda, chapéu de palhinha com fita encarnada, compondo o tipo do bilontra . . .

Concomitantemente, sua vivência na área política, quer como Deputado à segunda Assembléia Constituinte no Governo Bezerril, quer como seu secretário de Estado para Negócios do Interior e Justiça, não lhe deixaram grandes recordações e à medida que envelhecia mais desanimado se tornava quanto ao verdadeiro valor ou proveito imediato de tais agremiações. Chegara, mesmo, a se perguntar: *"Quem sabe se foi da Assembléia Constituinte que me veio o meu pessimismo sobre a utilidade das corporações?"*

Amadurecido, passou senão a rejeitar convites, pelo menos a desencorajar os que dele se aproximavam com essa intenção. Nada de aglomerados humanos ou de reuniões sociais.

Passou a fazer a apologia do isolamento e da solidão e o seu poemeto Elogio do Silêncio é uma prova irrefutável de tudo isto, onde ele canta e exalta o silêncio do astro, da água, da mente humana, do arvoredo e até mesmo dos amantes que *"trocaram confidências delirantes sem proferir palavra . . ."*

Afirmava poeticamente: *"Amo cada vez mais a solidão e o silêncio, a solidão povoada de afetos e o silêncio sonorizado pelos rumores da natureza"*.

Já cinquentenário, ao saber que aqui se cuidava de fundar uma Associação dos Homens de Letras do Ceará, não compareceu aos trabalhos iniciais, julgando-se, assim, livre de qualquer compromisso. Mas qual o quê! Mesmo ausente, elegeram-no seu presidente e em seu discurso de posse notar-se-ia uma velada insatisfação . . .

Quando cogitou-se da reorganização da Academia Cearense, Antônio Sales não se negou a apoiar seu maior incentivador, o próprio presidente do Ceará e também acadêmico Justiniano de Serpa. Mas antes mesmo da data de sua instalação, agora Academia Cearense de Letras, no Clube Iracema, e já o nosso poeta seguia com a mulher para terras cariocas. Não seria ainda dessa vez que o agarrariam . . .

Cada vez mais ia o nosso homenageado se refugiando de seus admiradores, recolhendo-se ao seu gabinete, num isolamento que os mais irreverentes teimavam em definir como um desmedido orgulho.

*"Não sou um animal forte, escrevia ele, mas sei que os animais fortes gostam de andar sozinhos"*. Que mais precisaria ser dito?

Bem. Vamos desfilar as numerosas associações a que se filiou Antônio Sales.

Aos dezoito anos de idade fazia ele parte da sociedade literária denominada Clube Literário,<sup>1</sup> situada na rua Major Facundo 56 e da qual, em 1887, seria eleito seu segundo secretário. Viveu esta associação por oito anos e tinha como seu órgão cultural a revista *A Quinzena*, de curta duração, apenas um ano e seis meses, com edição de trinta números, vinte e dois em 1887 e oito em 1888. *A Mãe Louca*, *A Canção de Tragadalbas*, *O Filhinho de Peri*, *O Vestido Azul*, *A Volta das Andorinhas*, foram algumas das produções do nosso poeta.

Pobre, sozinho, simples empregadinho do comércio, ele fez parte do Clube Educando Caixeiral, fundado numa segunda-feira de 11 de abril de 1887, sociedade que congregava rapazes do comércio com o objetivo de estudar o nosso idioma por meio de aulas noturnas ministradas por Joakim Catunda. Essas aulas funcionavam no sobradinho da rua Major Facundo, esquina com a das Trincheiras, uma república da qual fazia parte Antônio Sales.

Os pruridos republicanos se faziam sentir em caixeiros e alunos da Escola Militar, recentemente inaugurada, em maio de 1889, jovens idealistas que aproveitaram a data do aniversário natalício de Antônio Sales, 13 de junho, para fundarem o Centro Republicano Cearense, instalado ainda nesse mesmo sobradinho.

Em fins de 1889, mais precisamente em setembro, fundava-se o Clube de Letras<sup>2</sup> e, no domingo de 19 de janeiro de 1890, mais um grêmio aparecia, o Clube Americanista,<sup>3</sup> com Antônio Sales na condição de sócio inscrito.

De 30 de maio de 1892 até 20 de dezembro de 1898 a vida da Padaria Espiritual, nascida da inspiração de Antônio Sales, original, galhofeira, des-

preocupada em sua primeira fase, bem comportada, produtiva mas ainda assim espirituosa, em sua quadra final.

Chega dezembro de 1896 e Antônio Sales embarcaria rumo ao Rio. De onde em quando daria umas fugidas até Fortaleza.

Em fevereiro de 1919, no Governo João Tomé, surgiu a idéia de congregar todos os homens de letras do Ceará, fato consumado no dia 10, às dezenove horas, no Palacete da Fênix Caixeiral, com a fundação da Associação dos Homens de Letras do Ceará,<sup>4</sup> naturalmente diante da inoperância de nossa Academia Cearense, tendo na presidência Antônio Sales.

O poeta cearense não se fez presente à primeira reunião destinada à escolha de seus membros. Mas assim mesmo seu nome foi eleito para presidente. E no discurso de posse, referto de ironia, de saudades e de fino humorismo, ele relembrava seus bons tempos da Padaria Espiritual, tempos da mocidade, de seus vinte e poucos anos de idade, interessado em congregar jovens em nome da Arte, um *"grupo de rapazes de mais ou menos talento"*. Confessava seu pessimismo em tudo o que dissesse respeito a sociedades, grêmios, arcádias ou que outros nomes pudessem ter . . . e atribuía essa sua aversão o ter participado, em tempos idos, de uma Assembléia Constituinte. Apelou para que a Associação recentemente fundada não fosse um cenáculo de sisudez, de tristeza pois que o Tédio era o maior inimigo de todo e qualquer ajuntamento literário. E finalizava assim o seu discurso: *"Renovo meus agradecimentos aos confrades que me elegeram para este posto de sacrifício e de honra, e eu lhes prometo que carregarei o fardo de suas responsabilidades com o mesmo bom humor com que carrego a minha dispepsia e o meu meio século de existência"*.

Durante a permanência de quase vinte dias do General Joaquim Inácio Batista Cardoso aqui em Fortaleza, um dos apóstolos do grande movimento nacional em prol da difusão do ensino, foi reorganizado, a 5 de julho de 1919, no Palácio da Presidência do Estado, o comitê da filial cearense da Liga Contra o Analfabetismo, sentando-se à mesa dos trabalhos João Tomé, presidente do Ceará, Dom Manuel da Silva Gomes, Arcebispo Metropolitano, o General visitante e o Barão de Studart.

A finalidade dessa Liga era a de imitar suas congêneres pernambucana, sergipana e norte-rio-grandense, no sentido de incentivar a criação de escolas por todo o Ceará, de tal modo que no primeiro centenário da Independência do Brasil esse monstro — o analfabetismo — estivesse totalmente erradicado de nossa terra.

Aclamada a diretoria, Antônio Sales dela fazia parte como Secretário Geral e ao assinar a Ata, tornar-se-ia sócio fundador da referida Liga.

Mais tarde, assumia as rédeas do Ceará Justiniano de Serpa e no seu governo, após sucessivas reuniões de intelectuais em Palácio, reorganizou-se a Academia Cearense de Letras com o apoio de Antônio Sales. O indiferentismo tomou conta da Academia durante seus oito anos de vida vegetativa, ao fim dos quais o Governador Matos Peixoto, agora contando com a valiosa

cooperação de Válder Pompeu, inaugurava a terceira fase da nossa Academia, com a presidência de Antônio Sales.

Em fins de 1936, novamente seu nome seria escolhido para membro da Academia dos Irreverentes do Ceará, onde pontificavam Quintino Cunha na presidência, Ermírio Araújo na vice e Leonardo Mota na tesouraria. Contava, ainda, com o secretário Osvaldo Aguiar, com a oratória de Soares Bulcão, com um arauto, Moisés Leitão. E mais dezessete vogais, dentre eles o nosso Antônio Sales.

Somente em 1937 e pela última vez voltaria ele a participar de outra associação, esta com características bem diferentes, a Escola Doméstica de Fortaleza, na qualidade de padrinho e protetor.

## NÓTULAS

<sup>1</sup> Figuras do Clube Literário: Antônio Sales, Abel Garcia, Antônio Bezerra, Antônio Martins, Farias Brito, Ismael Pordéus, João Lopes, José Olímpio, José de Barcelos, José Carlos Júnior, Juvenal Galeno, Justiniano de Serpa, João Cordeiro, Martinho Rodrigues, Oliveira Paiva, Padre Bruno de Figueiredo, Paulino Nogueira, Rodolfo Teófilo e Virgílio Brígido.

Às dezessete horas de uma segunda-feira de 8 de novembro de 1886 reuniram-se alguns intelectuais para tratarem da fundação de uma sociedade literária e de um periódico. Presentes dezessete convidados, concordaram que a sociedade chamar-se-ia Clube Literário e a revista A Quinzena. Foram eleitos inicialmente:

Presidente: Antônio Bezerra

Vice-presidente: Martinho Rodrigues

1º Secretário: Oliveira Paiva

2º Secretário: Antônio Martins

Tesoureiro: Ismael Pordeus

No ano seguinte, 1887, no domingo de 31 de julho, nova diretoria era empossada:

Presidente: Juvenal Galeno

Vice-presidente: João Lopes

1o. Secretário: Justiniano de Serpa

2o. Secretário: Antônio Sales

Tesoureiro: Oliveira Paiva

Interessante sabermos que na sala do Clube Literário, em março de 1887, o artista João Pompeu de Sousa Magalhães, de passagem por Fortaleza, abria seu atelier de pintura. Meses depois aparecia o célebre frenologista e quiromante Dr. de Viremont que em uma das salas do Clube atendia os clientes no horário de onze às quinze e de dezessete às dezenove horas. E ainda tinha tempo para ministrar um Curso Oral e Progressivo da Língua Francesa, ou coletivamente, no próprio Clube, três vezes por semana, das vinte às vinte e duas horas, ao preço de cinco mil réis mensais ou em particular, no seu gabinete (dez mil réis mensais) ou na residência do interessado (quinze mil réis mensais). Quem sabe se o nosso Antônio Sales não se iniciou nos mistérios da língua de La Fontaine com esse professor? Aqui fica a pergunta.

O Clube Literário viveu de 15 de novembro de 1886 até outubro de 1894. Funcionava, diariamente, das dez até as vinte e duas horas, na rua Major Facundo, 56. Às dezoito horas ainda do dia 15 de novembro foi eleita a Comissão de Redação do periódico que apareceria a 15 de janeiro de 1887: João Lopes, José de Barcelos, Padre Bruno de Figueiredo, Abel Garcia e Antônio Martins. Na terceira sessão de 29 de novembro foram aprovados os Estatutos da sociedade e propostos alguns sócios correspondentes.

O órgão do Clube Literário, a revista A Quinzena, durou de 15 de janeiro de 1887 até 10 de junho de 1888, com a publicação de trinta números.

2 Clube de Letras. Fundado em setembro de 1889. Presidente: Adolfo Caminha, Vice-presidente: Pápi Júnior, 1o. Secretário: Floriano Florambel, 2o. Secretário: Jovino Guedes, Tesoureiro: Antônio Sales, Procurador: Cadete Faria e Sousa.

3 Clube Americanista. Sua missão, a de estreitar as relações intelectuais, políticas e econômicas do Brasil com os povos do grande continente.

Presidente: Joakim Catunda

Vice-presidente: João Cordeiro

Secretário: Jovino Guedes

Tesoureiro: Gonçalo Lagos

Sócios: João Lopes, José de Barcelos, Abel Garcia, Justiniano de Serpa, Oliveira Paiva, Antônio Martins, Honório Moreira, Antônio Sales.

Estatutos publicados no Libertador de 17 de fevereiro de 1890.

4 Associação dos Homens de Letras do Ceará.

Presidente: Antônio Sales

1o. Vice-presidente: Martinz de Aguiar

2o. Vice-presidente: Mário Linhares

Secretário Geral: Leonardo Mota

1o. Secretário: Moacir Caminha

2o. Secretário: Cruz Filho

Tesoureiro: Mário Felício

Adjunto: José Marinho

Conselho Deliberativo: Álvaro Fernandes, Fernandes Távora, Abner Vasconcelos, Pápi Júnior, Antônio Drumond, Tomás Pompeu Filho, Beni Carvalho, Júlio Ibiapina, Daniel Carneiro, Adonias Lima, Júlio César da Fonseca Filho, Teodorico da Costa.